

REZAR NA LITURGIA

Na história da Igreja, verificou-se repetidamente a tentação de praticar um cristianismo intimista, que não reconhece a importância espiritual dos ritos litúrgicos públicos. Muitas vezes, esta tendência reivindicou a presumível maior pureza de uma religiosidade que não dependesse de cerimônias exteriores, consideradas um fardo inútil ou prejudicial. O centro das críticas não era uma forma ritual particular nem um determinado modo de celebrar, mas a própria liturgia, a forma litúrgica de rezar.

Com efeito, na Igreja é possível encontrar certas formas de espiritualidade que não souberam integrar adequadamente o momento litúrgico. Muitos fiéis, embora participassem assiduamente nos ritos, especialmente na missa dominical, sorviam alimento para a sua fé e para a sua vida espiritual sobretudo de outras fontes, de tipo devocional.

Nas últimas décadas, houve muito progresso. A Constituição *Sacrosanctum Concilium*, do Concílio Vaticano II, representa o centro deste longo trajeto. Reafirma, de modo completo e orgânico, a importância da liturgia divina para a vida dos cristãos, que nela encontram a mediação objetiva exigida pelo fato de Jesus Cristo não ser uma ideia nem um sentimento, mas uma Pessoa viva, e o seu mistério um acontecimento histórico. A oração dos cristãos passa por mediações concretas: a Sagrada Escritura, os sacramentos, os ritos litúrgicos, a comunidade. Na vida cristã, não prescindimos da esfera corpórea e material, porque, em Jesus Cristo, ela tornou-se o caminho da salvação.

Poderíamos dizer que devemos rezar inclusive com o corpo: o corpo entra na oração.

Portanto, não existe espiritualidade cristã que não esteja enraizada na celebração dos mistérios sagrados. O *Catecismo* escreve: “A missão de Cristo e do Espírito Santo que, na liturgia sacramental da Igreja anuncia, atualiza e comunica o mistério da salvação, prossegue no coração de quem ora”.¹³⁷ A liturgia, em si, não é apenas oração espontânea, mas algo cada vez mais original: é um ato que fundamenta toda a experiência cristã e, por conseguinte, também a oração. É acontecimento, é evento, é presença, é encontro. É um encontro com Cristo. Cristo faz-se presente no Espírito Santo através dos sinais sacramentais: disto, para nós cristãos, deriva a necessidade de participar nos mistérios divinos. Um cristianismo sem liturgia, ousaria dizer que talvez seja um cristianismo sem Cristo. Sem o Cristo total. Até no rito mais despojado, como o que alguns cristãos celebraram e celebram nos lugares de prisão, ou no escondimento de uma casa durante tempos de perseguição, Cristo está verdadeiramente presente e doa-se aos seus fiéis.

A liturgia, precisamente devido à sua dimensão objetiva, deve ser celebrada com fervor, para que a graça derramada no rito não se disperse, mas abranja a vida de cada pessoa. O *Catecismo* explica-o muito bem e diz assim: “A oração interioriza e assimila a liturgia, durante e depois da sua celebração”.¹³⁸ Muitas orações cristãs não provêm da liturgia, mas todas elas, se forem cristãs, pressupõem a liturgia, ou seja, a mediação sacramental de Jesus Cristo. Cada vez que celebramos um batismo, ou consagramos o pão e o vinho na Eucaristia, ou unguimos o corpo de um enfermo com o óleo santo, Cristo está ali! É ele que age e está presente como quando curava os membros fracos de um doente ou

quando, na Última Ceia, entregou o seu testamento para a salvação do mundo.

A oração do cristão faz sua a presença sacramental de Jesus. O que nos é exterior se torna parte de nós: a liturgia expressa isto também no gesto muito natural de comer. A missa não pode ser somente “ouvida”: também a expressão “vou ouvir missa” não é correta. A missa não pode ser só ouvida, como se fôssemos apenas espectadores de algo que escorre sem nos envolver. A missa é sempre *celebrada*, e não apenas pelo sacerdote que a preside, mas por todos os cristãos que a vivem. E o centro é Cristo! Todos nós, na diversidade dos dons e ministérios, nos unimos na sua ação, porque ele, Cristo, é o protagonista da liturgia.

Quando os primeiros cristãos começaram a viver o seu culto, fizeram-no atualizando os gestos e a palavras de Jesus, com a luz e a força do Espírito Santo, para que a sua vida, alcançada por esta graça, se tornasse sacrifício espiritual oferecido a Deus. Esta abordagem foi uma verdadeira “revolução”. Na carta aos Romanos São Paulo escreve: “Exorto-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, a oferecer os vossos corpos em sacrifício vivo, santo, agradável a Deus: é este o vosso culto espiritual”.¹³⁹ A vida é chamada a tornar-se culto a Deus, mas isto não pode acontecer sem oração, especialmente a oração litúrgica. Que este pensamento nos ajude a todos quando vamos à missa: vou rezar em comunidade, vou rezar com Cristo, que está presente. Quando vamos à celebração de um batismo, por exemplo, Cristo está lá, presente, que batiza. “Mas, Padre, esta é uma ideia, um modo de dizer”: não, não é um modo de dizer. Cristo está presente e, na liturgia, você reza com Cristo, que está ao seu lado.

Audiência geral 3 de fevereiro de 2021

CAPÍTULO 22

¹³⁷ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2655.

¹³⁸ *Ibidem*.

¹³⁹ Rm 12,1.